



UFMT
EM REDE

LINGUAGEM: CONCEPÇÕES E INTERAÇÃO

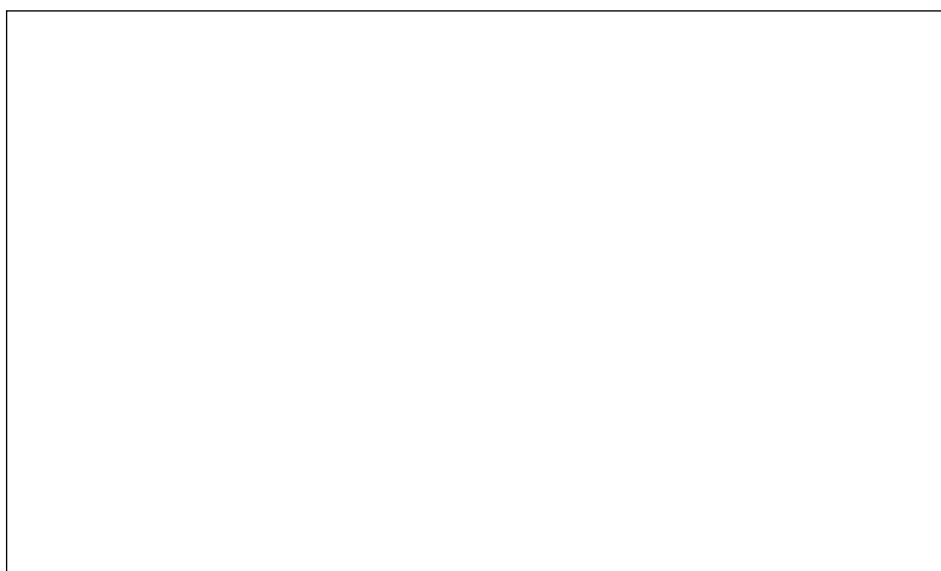
Maria Lucia Cavalli Neder
Lucia Helena V. Possari

Cuiabá-MT

2021

Apoio: Projeto UFMT Popular

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)



Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário



Esta obra está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional

Ministro da Educação

Milton Ribeiro

Reitor da UFMT

Evandro Aparecido Soares da Silva

Vice-Reitora

Rosaline Rocha Lunardi

Secretário de Tecnologia Educacional

Alexandre Martins dos Anjos

Coordenador Geral do UFMT Popular

Alexandre Martins dos Anjos

Diretor do Instituto de Educação

Tatiane Lebre Dias

Produção Gráfica

Secretaria de Tecnologia Educacional - SETEC/UFMT

Diagramação

Fiana Bamberg

Apoio: Projeto UFMT Popular

LINGUAGEM: CONCEPÇÕES E INTERAÇÃO

Maria Lucia Cavalli Neder

Lucia Helena V. Possari

OBJETIVOS DO CURSO

Discutir diferentes concepções de linguagem e compreender a Linguagem como processo de interação, como sustentação das relações sociais.

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO: DIÁLOGO PRELIMINAR.....	5
UNIDADE I - A LINGUAGEM COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO.....	7
UNIDADE II - A LINGUAGEM VERBAL	14
UNIDADE III - LINGUAGEM, PENSAMENTO E CULTURA: MULTIPLICIDADE DE ABORDAGENS	21
REFERÊNCIAS	32
SOBRE AS AUTORAS.....	34

INTRODUÇÃO: DIÁLOGO PRELIMINAR

Neste curso, nos propomos a estudar LINGUAGEM.

É uma tarefa saborosa ao mesmo tempo complexa. Não complexa como sinônimo de difícil, mas, lembrando Morin (1996), temos que tecer unidas múltiplas concepções e abordagens.

Falar de Linguagem pressupõe falar de LINGUAGENS: VERBAL: LÍNGUA, FALA, ESCRITA, LEITURA E NÃO VERBAL: CORPO, SONS, CORES, GESTUALIDADES etc. (esta última o faremos em outro curso). Neste estudo, focaremos a linguagem como língua, idioma, estrutura, discurso e prática comunicativa.

Essa complexidade aponta também para falarmos das variedades linguísticas que compõem uma língua, que pelo visto não é apenas norma-padrão.

Pensem em Língua Portuguesa, nos seis países lusófonos, portanto, seus habitantes falando Língua Portuguesa: não há igualdade de fala nem e escrita entre esses países (apesar de tentativas de acordo ortográfico).

De acordo com Bagno, a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades. Esses seres humanos e essas sociedades são sempre heterogêneos em todas as épocas e lugares. Segundo o autor as línguas não podem permanecer estáveis e homogêneas. (BAGNO, 2007).

Sejamos mais econômicos e falemos da Língua Portuguesa falada no Brasil: sotaques, gírias, expressões regionais etc.

Algumas teorias tratavam das variedades como históricas, geográficas, sociais e estilísticas. Todavia, pesquisas atuais mostram que há fatores extralinguísticos determinantes na variação.

Segundo Cox (2014), os atributos do falante podem ser assim caracterizados: 1- origem geográfica, 2- *status* socioeconômico, 3- graus de escolarização, 4- faixa etária, 5- gênero, 6- mercado de trabalho, 7- rede social.

Respectivamente: 1- refere-se à história demográfica; contatos entre povos que se encontraram na e região, durante sua formação. 2- referem-se a diferenças socioeconômicas e culturais. 3- o status e a escolarização estão imbricados e referem-se ao tempo de escolarização e qualidade das escolas, que são imperativos para o uso da norma culta. 4- as diferentes gerações falam diferentemente. 5- homens e mulheres também falam diferentemente. 6- toda profissão tem jargão próprio. 7- O falante sempre tem referências.

Acrescentamos que, nas redes sociais e em todas as formas de aplicativos, a língua falada ou escrita não tem cobranças para o usuário para que use a norma-padrão.

No item 5, gostaríamos de acrescentar ao gênero a questão da sexualidade.

O que importa é que o não uso da norma-padrão, gramaticalmente correta, estabelecida pela gramática normativa e exigida nas situações formais de fala e de escrita, tem níveis de aceitação: a concordância verbal, a concordância nominal, a pronúncia das palavras, sendo o mais criticado o rotacismo, por exemplo: “pobrema”, ao invés de problema, “prano” ao invés de plano.

Mesmo não considerando o que há de mais importante no processo comunicativo, essa variedade pode ser signo de baixa escolaridade; nível socioeconômico prejudicado e remeter a preconceito.

O que estamos trazendo diz respeito também ao ensino de língua portuguesa: o que? como? para quem? quando? Seria só a gramática normativa? Seria também a estrutura da língua, seria apenas trabalhar as formas adequadas de uso nos processos de interação?

Buscaremos as respostas no percurso deste estudo

Para compreendermos LINGUAGEM, optamos por estudá-la, enfocando o conceito de interação, considerando-se a prática da linguagem como prática comunicativa.

Iniciemos nosso percurso.

Desejamos a você SUCESSO!!!

UNIDADE I - A LINGUAGEM COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO

1.1 NA BUSCA DE COMPREENSÃO DA LINGUAGEM

O ser humano é um ser de linguagem. Mediante a linguagem estabelece a comunicação com outros seres humanos.

A linguagem é, portanto, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática. (BRONCKART, 2003, p.34)

O autor chama a atenção para o fato de que, sendo produto da interação social (do uso), é prática comunicativa. Assim como os textos nos quais se organizam, os signos permanecem sob a dependência desse uso, e assim, os significados que veiculam não podem ser considerados estáveis, senão momentaneamente, sincronicamente

Bronckart afirma que, para Saussure, cujos estudos se embasam na teoria Estruturalismo, no conjunto das associações ratificadas pelo consentimento coletivo, uma língua natural pode assegurar a intercompreensão entre seus membros, ou seja, constituir uma comunidade verbal: uma instituição social. Ao mesmo tempo, alerta para que as comunidades verbais não são homogêneas, são atravessadas por organizações diversas, complexas e hierarquizadas: múltiplas formações sociais. (BRONKART, 2003, p.37)

Dessa forma, à medida que o ser humano se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende seus pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

Você já havia refletido sobre a complexidade das Linguagens?

A reflexão se faz necessária também particularmente para a linguagem verbal.

Sugerimos que assista ao filme Central do Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=NpZgPWTUrIE>

Observe a dificuldade de pessoas analfabetas que querem/precisam se comunicar por carta com outras. Reflita sobre o processo do que as personagens dizem

oralmente e o que e como a personagem que escreve cartas, registra. É na norma-padrão coloquial!

1.2 A LINGUAGEM VERBAL COMO INTERAÇÃO.

Qualquer que seja a raça, a cultura, o espaço que ocupe, o indivíduo está sempre em contato com outros indivíduos, inter-relacionando-se, comunicando-se. Essa inter-relação se dá sempre mediante linguagem.

Orlandi (1988) afirma que o ser humano é ontologicamente¹ um ser de linguagem. A linguagem é universal. Mediante a linguagem o ser humano estabelece a comunicação intersubjetiva, isto é, estabelece a troca e o diálogo. Ela é um fenômeno complexo que tem sua especificidade num modo de funcionamento que se dimensiona no tempo e no espaço das práticas dos seres humanos.

Isso quer dizer que a linguagem é dinâmica e permite àquele que se relaciona com seu interlocutor fazer renascer, através dela, um acontecimento, uma experiência do acontecimento. Ao interlocutor, é dada, pela linguagem, a possibilidade de apreender o acontecimento por ele produzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a do diálogo, permite ao locutor representar a realidade e, ao ouvinte, recriar a realidade.

A linguagem pode ser compreendida como processo de interlocução que permite aos interlocutores, nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história, se comunicarem. É, portanto, uma prática social.

A linguagem interpreta o mundo, mas submetendo-o à própria organização. Ela não é apenas uma cópia do real. É sim a representação que o ser humano faz desse real.

O que se disse acima estende-se à linguagem não-verbal.

1.3 LINGUAGEM NÃO-VERBAL

Da mesma forma que a linguagem verbal, a não-verbal permite interlocução entre sujeitos.

Como exemplo, podemos pensar num quadro pintado por um determinado artista

¹ Ontológico: referente ao ser humano. Ser que tem uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres.

plástico. Com sua pintura, ele faz uma representação (não necessariamente, um retrato/ legenda) do real. Mediante a linguagem pictórica (pintura) ele estabelece interlocução, uma troca, um diálogo com o outro, seu interlocutor (leitor da obra).



Fig: Obra de Joan Miro (pintor espanhol)

A linguagem de pintura ou um desenho permite estabelecer diálogo entre sujeitos de uma ação comunicativa.

Pode parecer estranho, mas todas as formas de linguagem, corporificadas em texto, são suscetíveis de leitura

É interessante pensarmos, aqui, que, antes da invenção da escrita, os homens interagiam pela linguagem: verbal oral e também pela linguagem pictórica ou sonora.

1.4 AMPLIANDO A COMPREENSÃO DE LINGUAGEM

Segundo Possari e Neder (2002) a linguagem, numa concepção semiótica², pode ser conceituada como todas as formas (signos): olhares, gestos, expressões faciais, cores, luzes, ruídos, imagens fixas (desenhos, pinturas, fotos), imagens em movimento (filmes), língua falada, língua escrita, de que o ser humano se utiliza para interagir.

A Linguagem é um processo que permite a interação entre indivíduos e se realiza, não só pelos textos verbais, mas também pelos textos não verbais.

A linguagem deve ser compreendida, portanto, como uma prática social que se fundamenta em determinações materiais, isto é, no modo de vida das pessoas e/ou grupos

² Semiótica: ciência que estuda os signos socialmente. Signo é algo que está no lugar daquilo que queremos representar.

e, através dela, que o ser humano representa o real. Essa representação do real se opera sempre mediante a capacidade que o ser humano possui de representar o real por meio de signo e de compreender esse signo como representante do real.

Koch (2003), em uma entrevista sobre linguística, afirma que a linguagem é a capacidade de o ser humano se expressar através de um conjunto de signos, de qualquer conjunto de signos. A autora diz que acredita numa linguagem pictórica, numa linguagem sonora, numa linguagem verbal. A linguagem é todo meio de expressão do ser humano através de símbolos. E a relação entre sujeitos, situados culturalmente, é essencial para que a linguagem seja construída.

Salomão (2003), com o mesmo roteiro de entrevista de Koch, afirma que:

“A Linguagem é uma capacidade humana que permite às pessoas representarem e o mundo para si e para outras pessoas, através de uma semiose específica que é, sem dúvida nenhuma, herança da espécie.” (p.184)

Essa capacidade de representar o real por símbolos (signos) é que, sem dúvida, diferencia o ser humano dos outros animais.

É a capacidade humana para a representação do mundo, através de signos, que faz dele um ser de cultura, de linguagem, um animal simbólico. A linguagem, então, seria essa capacidade de comunicação pelos signos.

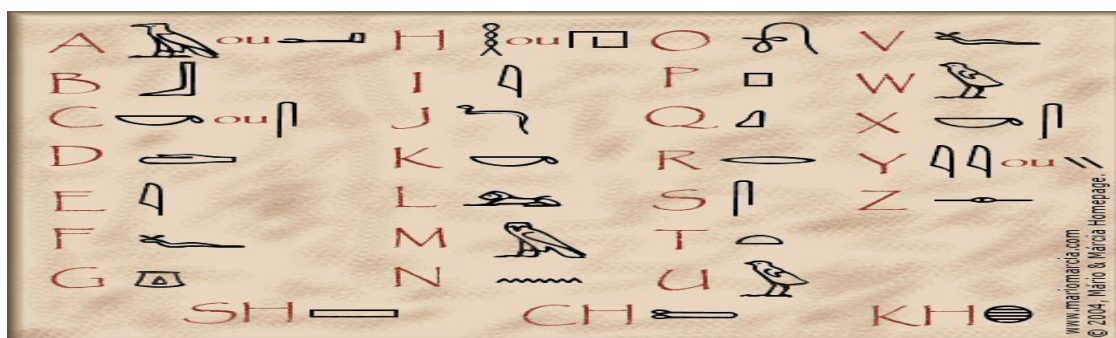


Fig.extraída: WWW.mariomarcia.com

Para Smolka (1993), os signos: gestos, desenho, linguagem falada, escrita, matemática etc. constituem um instrumento cultural, através do qual, novas formas de comportamento, relacionamento e pensamento humanos vão sendo elaborado. Acompanhando Vygotsky, a autora considera que os processos de conceituação e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, especificamente humanas, implicam a dimensão simbólica, cuja elaboração é fundamentalmente social e histórica.

Fiorin (2003) compreende a linguagem humana como a condensação de todas as experiências históricas de uma dada comunidade. A linguagem, segundo o autor, dá ao homem uma possibilidade de criar mundos.

Pensar a linguagem, portanto, implica pensá-la como processo de interação, que se situa em determinado contexto sócio-histórico-cultural, e a sua base é sógnica. Devemos fazê-lo sempre numa perspectiva abrangente, como um processo que permite a interlocução entre indivíduos, qualquer que seja sua natureza. É importante que pensemos, pois, a Linguagem não só como verbal (oral ou escrita), mas também como não verbal, que implica, dentre outras formas: a música, a arquitetura, os gestos, as artes plásticas, as artes gráficas, as artes cênicas, a fotografia, o cinema.

Para Castilho (2003), a linguagem é o conjunto de todos os sinais que o ser humano foi criando.

Há, no quadro abaixo, signos que compõem um contexto pictórico, histórico que contribuem para a atribuição de sentidos.



Nesse quadro de Renoir, vemos adolescentes lendo partitura musical. A música é linguagem, por isso pode ser interpretada. Ela produz significados.

Após apresentar concepções de linguagem, passaremos a nossa UNIDADE II, que tem como foco a linguagem verbal, os signos, a língua, a relação entre linguagem, língua e pensamento.

Antes, porém, gostaríamos que você fizesse uma pequena pausa e buscasse refletir sobre as questões que estudamos até aqui.

Refleta:

Há fatores intervenientes: socioculturais, econômicos, grau de escolaridade, gênero etc. que afetam a linguagem.

ATIVIDADE I

Assinale a alternativa correta:

1. Segundo Possari e Neder (2002) o ser humano se utiliza para interagir:

- a) Não de olhares, gestos, expressões faciais, cores, luzes, ruídos, imagens fixas (desenhos, pinturas, fotos), imagens em movimento (filmes), pois não podem ser considerados linguagem;
- b) da linguagem, numa concepção semiótica, que pode ser conceituada como todas as formas (signos);
- c) só de língua falada e a língua escrita;
- d) só de linguagem verbal.

RESPOSTA B-

2. Relacione as afirmações abaixo com seus autores, numerando os parênteses:

() "A Linguagem é uma capacidade humana que permite às pessoas representarem e o mundo para si e para outras pessoas".

() "linguagem é a capacidade de o ser humano se expressar através de um conjunto de signos, de qualquer conjunto de signos."

() "A linguagem deve ser compreendida, portanto, como uma prática social que se fundamenta em determinações materiais, isto é, no modo de vida das pessoas e/ou grupos e, através dela, que o ser humano representa o real."

() "A linguagem é, portanto, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática."

Resposta:

(1) Salomão

(2) Koch

(3) Possari e Neder)

(4) Bronckart

UNIDADE II - A LINGUAGEM VERBAL

Ao se conceituar a linguagem, faz-se necessário destacar a sua dimensão simbólica, buscando, também, ampliar sua compreensão para além da linguagem verbal (oral e escrita).

Por esta razão, é importante que pensemos um pouco a respeito do que significa essa dimensão do simbólico da linguagem, inclusive como característica diferenciadora do ser humano, categorizando-o como “**ser de linguagem**”.

Como vimos, a linguagem possibilita ao ser humano representar o real por meios de signos.

Você seria capaz, neste momento de conceituar SIGNO. Tente.

A discussão a respeito do signo é central nos estudos a respeito de Linguagem e Língua. É um tema complexo e sua compreensão varia em termos dos aportes teóricos que cada um dos estudiosos tem para pensar esse fenômeno.

Portanto, se você não tiver conseguido manifestar-se sobre esse tema não se preocupe, vamos juntos tentar compreendê-lo.

2.1-NA BUSCA DE COMPREENSÃO DO SIGNO

Segundo Possari e Neder (2002), o signo, genericamente, pode ser compreendido como algo que está no lugar de outra coisa. Assim, “um olhar de reprovação que lanço para alguém”, está no lugar da reprovação; uma caveira e duas tíbias, desenhadas numa caixa de energia elétrica de alta tensão, estão no lugar de perigo, da morte. Ao dizer “quero água”, minha fala está indicando o que estou sentindo.

Consideramos pertinente fazer um breve intervalo do signo verbal, para compreendermos a concepção mais abrangente de signo de Peirce.

Para Peirce, citado por Santaella, o signo se divide em três CATEGORIAS SÍGNICAS: Ícone, Índice e Símbolo. (SANTAELLA, 1999)

O ícone tem como propriedade a capacidade de produzir em nossa mente as relações

de comparação. Podemos citar como exemplos: fotos, mapas, impressão digital, catálogos, e, em língua, a onomatopeia.

O índice é o sinalizador. Indica algo com o qual está factualmente ligado. Fenômeno anterior ou posterior: causa ou consequência. Sinaliza, mas não dá a certeza. Podemos citar como exemplos: enxurrada/chuva, nuvem /chuva, fumaça/fogo. Em língua, podemos citar os dêiticos: aqui.

O símbolo é resultado de convenção. Como exemplo, podemos citar todas as linguagens. Todas as leis. Além, é claro, dos símbolos culturais, históricos, míticos, entre outros, a representação fonético/fonológica, o alfabeto, enfim, todos os signos linguísticos.

Sugerimos a leitura de: SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Paulus, 2005.

Sugerimos que assista ao filme OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS I

Identifique, de acordo com o que acabamos de ver sobre o signo: ícone, índice e símbolo: como o objeto de que o protagonista quer se livrar, pode ser classificado?

2.2- LINGUAGEM VERBAL E GRAMÁTICA

As considerações, a seguir, grosso modo, referem-se às gramáticas que têm baseado os estudos de língua/linguagem.

Ao se falar em gramática, imediatamente nos lembramos da Gramática Normativa, pois é através dela que a escola vem há séculos ensinando Língua Portuguesa.

O próprio nome já diz: **NORMATIVA**, significa prescrever normas que regem a fala e a escrita.

A Gramática Normativa traz em seu bojo injunções positivas: tem que ser assim! e injunções negativas: não pode ser assim!.

Os exemplos apresentados nessa gramática são baseados em fala e principalmente em escrita de autores consagrados na história da Literatura Brasileira. Da mesma forma, traz exemplos usados por uma elite escolarizada assim como textos de redação oficial.

Uma outra gramática é a Estruturalista. Essa gramática não prescreve, ela descreve como a língua é usada.

Introduz as noções de signo linguístico, língua e fala.

Para Saussure, citado por Lopes (1979), o signo linguístico divide-se em significante e significado. O primeiro refere às unidades fonético/fonológicas, os sons articulados; o segundo refere-se à morfossemântica: o significado. Assim estudamos fonética, fonologia, morfologia e semântica. Todos à luz do estruturalismo linguístico: fonemas, morfemas, semantemas.

Para maior compreensão sugerimos a leitura do livro:

LOPES Edward. Fundamentos de Linguística Contemporânea. São Paulo Edusp, 1979.

Gramática Por sua vez, o estudo da sintaxe, não normativa, mas baseada numa gramática do falante da língua, têm sua relevância, na teoria de Chomsky (1979), nos conceitos de:

Gramática é o conhecimento inato que o falante tem de sua língua, possibilitando a ele fazer diferenças entre estruturas gramaticais e estruturas agramaticais, como a do exemplo dado. A isso denomina-se **competência linguística**: termo que designa o conjunto de normas internalizadas que nos permite emitir, receber e julgar enunciados de nossa língua. Quando o falante põe em uso sua competência para produzir as sentenças que ele fala, aquilo que efetivamente realizamos quando falamos, isso é considerado **performance ou desempenho linguístico. Grifos do autor. (Perini, 1979)**

A teoria chomskiana atribui ao componente sintático o poder gerativo da língua, cabendo aos componentes fonológico e semântico somente interpretar as sequências produzidas pela sintaxe, considerada autônoma em relação às duas outras. Segundo a teoria gerativa, os falantes/ouvintes de uma língua, além de possuírem intuições (competência) sobre o caráter sintaticamente aceitável ou inaceitável das combinações de sons em sua língua, também sabem que as sequências de sua língua se estruturam sintaticamente em hierarquias, isto é, em grupos sucessivamente maiores denominados constituintes.

Para maior compreensão, sugerimos a leitura de

PERINI, Mário. **A gramática gerativa**: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte: Vigília, 1979.

LOBATO, Lúcia M.P. **Sintaxe gerativa**: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.)

Além dessas teorias, há a teoria de linguagem que compreende o signo ideológico: perspectiva bakhtiniana.

Para Bakhtin (1986), o símbolo se refere à linguagem verbal e é convencionalizado, ou seja, é preciso que quem fala e quem ouve, quem escreve e quem lê, esteja de acordo sobre o significado do que se quer fazer significar. Por exemplo, quando dizemos “estou com sede” para um falante de língua portuguesa, isso fará sentido, será compreensível. Todavia, essa cadeia de sons não será compreensível para quem não fala o português, logo não compartilha do símbolo verbal. Seria o mesmo para quem não conhece o inglês ouvir: “I’m thirsty”.

Essa capacidade que o ser humano possui de estabelecer uma relação entre algo e algo diferente faz com que se diferencie de outros animais. O ser humano é um ser simbólico. Ele possui a capacidade de representação simbólica, que é a fonte comum do pensamento e da linguagem. Como o símbolo nem sempre tem relação direta com aquilo que simboliza, o homem precisa aprender o sentido do símbolo, para interpretá-lo na sua função significativa.

Para que isso seja possível, isto é, para que haja interpretação do símbolo, é preciso que os seres humanos estejam socialmente organizados, que formem uma unidade social, a fim de que o sistema de signos possa se constituir.

A construção de signos é sempre uma construção social. Ela se dá em um terreno determinado: histórico, social, cultural. É necessário, num processo de interlocução, de diálogo, qualquer que seja o sistema de signos utilizados, que o locutor e o ouvinte, isto é, os interlocutores, pertençam à mesma comunidade de signos.

Como afirma Bakhtin (1986), faz-se necessário, para que o signo seja interpretado, que os interlocutores tenham uma relação de pessoa para pessoa, num terreno bem definido.

Como se pode ver, as concepções variam para cada autor/teoria linguística.

umas estudam a língua, outras a língua em funcionamento e outras as ideologias repassadas por signos.

Acompanhar Bakhtin na sua insistência a respeito de que os falantes e os ouvintes, no caso da linguagem verbal, devem pertencer a uma mesma comunidade linguística para que o signo possa ser compreendido, é muito importante. Podemos estender essa afirmação para as outras linguagens, pictórica, sonora, gestual, as não-verbais de uma forma em geral. Se não pertencemos a uma mesma unidade social, isto é, a um determinado

grupo, ou a uma determinada sociedade, teremos dificuldades para interpretar o seu sistema de signos.

É importante que pensemos que qualquer manifestação de linguagem se dá através de determinado sistema de signos. Logo estudar a Teoria do Signo é importante para a compreensão da Linguagem.

O Signo - aquilo que representa para alguém além dele mesmo - como já vimos, só pode ser pensado como atividade social, porque produzido coletivamente, no processo da interlocução entre indivíduos de uma mesma sociedade ou grupo social. Ele não pode ser pensado fora dos planos das relações sociais.

Todo signo, como afirma Bakhtin, resulta de um consenso de indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas de signos são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.

Pensar o signo apenas como resultado da consciência dos indivíduos, sem levar em conta as condições gerais em que foi gerado é, na realidade, deixar de percebê-lo, como afirma Bakhtin, como signo ideológico, isto é, que reflete determinada concepção de realidade social, que veicula, articula e organiza os interesses de classe. Assim, os signos se estruturam a partir das relações sociais materiais.

EM RESUMO

Dessa forma, é preciso que pensemos a Linguagem (qualquer que seja ela, verbal ou não-verbal) como um produto da realidade, mas que é, ao mesmo tempo, parte constitutiva dessa realidade.

Como uma prática social, porque é produzida pelos homens e mulheres em seus processos de interação, ela se fundamenta em determinações materiais e é influenciada por essas determinações, mas, ao mesmo tempo, por ser parte delas, também as influencia. Daí sua importância no contexto das organizações sociais.

O sistema de signos, portanto, organiza e dá sustentação a todas as linguagens possíveis: a verbal (oral e escrita) e a não verbal (música, artes plásticas, gestos, cinema, dança etc).

Como nossa preocupação nessa unidade é com a linguagem verbal, vejamos como podemos compreender esse tipo de linguagem enquanto um sistema de signos.

ATIVIDADE II

Assinale a alternativa correta:

1. Para Peirce, citado por Santaella, o signo se divide em três categorias signicas:

- a) Ícone, Índice e Símbolo.(SANTAELLA, 1999)
- b) Língua, linguagem e fala
- c) Ícone e seus derivados
- d) Ícone e símbolo

2. Numere os parênteses, conforme as afirmações:

I - tem como propriedade a capacidade de produzir em nossa mente as relações de comparação;

II - é o sinalizador. Indica algo com o qual está factualmente ligado. Fenômeno anterior ou posterior: causa ou consequência. Sinaliza, mas não dá a certeza.

III - é resultado de convenção. Como exemplo, podemos citar todas as linguagens. Todas as leis. Além, é claro, dos símbolos culturais, históricos, míticos, entre outros.

- () Símbolo
- () ícone
- () índice

3. Assinale Verdadeira (V) ou Falsa (F) a afirmação segundo Bakhtin

() Todo signo resulta de um consenso de indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação;

() O signo é apenas indicial;

() os falantes e os ouvintes, no caso da linguagem verbal, devem pertencer a uma mesma comunidade linguística para que o signo possa ser compreendido;

() o símbolo se refere à linguagem verbal e é convencionalizado, ou seja, é preciso que quem fala e quem ouve, quem escreve e quem lê, esteja de acordo sobre o significado do que se quer fazer significar.

RESPOSTA

(v)

(f)

(v)

(v)

UNIDADE III - LINGUAGEM, PENSAMENTO E CULTURA: MULTIPLICIDADE DE ABORDAGENS

3.1- LINGUAGEM VERBAL

Possari e Neder (2002) afirmam que a linguagem verbal é uma das formas sociais de comunicação e de significação, que se diferencia das demais por ser uma linguagem de sons, articulada. Através dela, aquele que fala (o locutor) ou escreve (autor) faz renascer do seu discurso, o acontecimento e a sua experiência do acontecimento.

Consideramos oportuno ler concepções dos Parâmetros Curriculares Nacionais, sobre Linguagem, pois embasam em que concepções estudos e ensino de Língua Portuguesa devem se ater.

Segundo os (PCNs) de língua portuguesa (2000, p.24):

A Linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é apreendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas também, comunicar idéias, pensamentos, intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes.

Percebemos, com essa afirmação, que a linguagem verbal possui diferentes dimensões: uma que possibilita a representação e a regulação do pensamento e da ação e a outra que possibilita a comunicação de idéias e pensamentos. Como salientam os PCNs:

Essas dimensões da linguagem não se excluem: não é possível dizer algo a alguém sem ter o que dizer. E ter o que dizer, por sua vez, só é possível a partir das representações construídas sobre o mundo. Também a comunicação com as pessoas permite a construção de novos modos de compreender o mundo, de novas representações sobre ele. A linguagem, por se realizar na interação verbal dos interlocutores, não pode ser compreendida sem que se considere o seu vínculo com a situação concreta de produção. É no interior do funcionamento da linguagem que é possível compreender o modo de seu funcionamento. Produzindo-se linguagem, aprende-se linguagem. (p.24)

Quando dizemos alguma coisa a alguém (oralmente ou por escrito), nós o fazemos sempre de determinado lugar, em determinada situação, que implica nossa condição sócio-econômica e cultural, nossa história de vida, nosso aprendizado do conhecimento

produzido socialmente.

Da mesma forma, aquele que ouve (ouvinte) ou aquele que lê (leitor) nosso discurso, nossa fala, apreende-a e, por meio dela, apreende o fato acontecido, implicando aí as mesmas condições necessárias ao falante.

Ao se estabelecer uma troca entre locutor e ouvinte, entre os interlocutores, deu-se o exercício que é próprio da linguagem verbal. Trata-se do diálogo, que, conforme Bakhtin (1986), confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor (escritor, falante) representa a realidade, para o ouvinte (leitor) recria a realidade. Isto faz da linguagem verbal, o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva.

Portanto, o que importa num processo de interação verbal é que o locutor (autor) seja capaz de utilizar um signo adequado às condições de uma situação concreta dada e o ouvinte (leitor) seja capaz de compreender sua significação em uma enunciação, isto é, em uma forma de falar ou dizer particular. Caso não haja essas condições presentes, não haverá diálogo, portanto, o ato comunicativo está prejudicado.

Para que haja, em qualquer situação ou contexto, possibilidade de interlocução (diálogo) entre indivíduos, em que a linguagem verbal é utilizada como meio para esse diálogo, um suporte material é indispensável para sua realização: a LÍNGUA.

Para maior compreensão, sugerimos a leitura de:

BAKHTIN. Mikail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

Aqui caberia uma pergunta: Língua não é o mesmo que linguagem? O que é Língua?

Vamos ajudar você a obter resposta a essas perguntas, trazendo a opinião de vários teóricos da linguagem a esse respeito.

3.2- O QUE É LÍNGUA?

Quando abordamos concepções de língua e de linguagem, estamos tratando da interface com o estudo de e o ensino de.

Assim consideramos relevante, nesta parte, trazermos as concepções de língua/lin-

guagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais, para embasamento do ensino de Língua Portuguesa

Nos PCNS de Língua Portuguesa, encontramos a seguinte explicação:

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (p.24)

Outras concepções acompanham e enfatizam o conceito de língua/linguagem.

No contexto de uma entrevista a respeito de Linguística, Cortez e Xavier (2003), conseguiram importantes contribuições de estudiosos da linguagem a respeito da compreensão do que é Língua. Acompanhemos, a seguir, algumas dessas contribuições.

Geraldi (2003), aborda o tema da seguinte maneira:

Língua, para mim, é produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade. É uma sistematização sempre em aberto. ...Resumidamente, a língua enquanto esse produto de trabalho social, enquanto fenômeno sociológico e histórico, está sempre sendo retomada pela comunidade de falantes. (p.78)

É interessante verificar que o autor enfatiza a dimensão da construção social da língua e da sua dinamicidade, na medida em que está sendo construída e reconstruída no processo da interação.

Como um sistema de normas produzidas socialmente, ela só existe, todavia, quando relacionada à consciência subjetiva, isto é, à consciência própria dos indivíduos que participam da coletividade que está regida por estas normas.

Para esclarecer melhor: a língua, sistemas de normas, isto é, um conjunto de regras, não tem importância como sinal estável, sempre igual a si mesmo. Ela só tem importância quando esses sinais lhe servem para suas necessidades enunciativas, de fala. O que importa não é o aspecto da forma linguística, mas aquilo que permite que a forma linguística figure em dado contexto, aquilo que a torne um signo, portanto significativa, adequada às condições de uma situação concreta dada.

As Línguas só existem na medida em que se acham associadas a grupos humanos. Elas não existem em si mesmas. As convenções, as normas são estreitamente ligadas ao caráter histórico e social da Língua.

Bronckart (2003, p.20), corroborando com as concepções citadas, traz duas formas possíveis, procedimentos metodológicos, para o estudo: o do sistema de língua e o estudo das estruturas, e dos diferentes tipos de textos em uso:

O primeiro tipo de estudo procede de um procedimento metodológico que pode ser qualificado de interno. O conjunto das propriedades do sistema é descrito e analisado, fazendo-se abstração das condições efetivas da produção de linguagens, isto é, não se considerando nem os efeitos que as diferentes situações de comunicação exercem sobre essas produções nem os efeitos que essas mesmas produções provocam sobre o meio humano.

Para o autor, o procedimento interno é legítimo, pois certas unidades, categorias e regras de uma língua podem ser identificadas e definidas independentemente de seu contexto de utilização.

Os estudos do texto em uso, abordagem externa, lidam com produções verbais em dimensões empíricas efetivas, centrando-se na análise da organização e do funcionamento dos textos.

A noção de texto designa toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário [...] unidade significativa de nível superior. (BRONCKART, (2003, p.71).

Para maior compreensão, sugerimos a leitura do livro: Bronckart, Jean Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo EdUC, 2003

A essas concepções somam-se as da Análise de Discurso - AD, que sugerem o estudo das condições de produção.

Labov, citado por Orlandi (1987), classifica como comunidade linguística um grupo de pessoas que compartilha um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem verbal. Ele chama, todavia, a atenção para o fato de que o conhecimento dessas normas não faz com que as pessoas falem do mesmo modo. Daí a afirmação de que para conhecer uma língua não basta apenas conhecer formas ditadas pela gramática, mas o valor social atribuído a ela.

Possari e Neder (2000) apresentam um exemplo que corrobora a afirmação acima. Vejam a seqüência de fala:

- Pedro, pega o meu caderno na classe pra mim.
- Vá pentear macaco.

As autoras chamam a atenção para o fato de que a possibilidade de interlocução se estabelecerá na medida em que outras regras - as conversacionais - estiverem presentes. A resposta que se esperava no exemplo anterior era um SIM ou um NÃO. Todavia, entre os falantes que produziram o diálogo há o estabelecimento de certas regras que lhes permitem uma resposta que não a usual.

Isso corrobora o que já afirmamos anteriormente: a forma linguística (a língua) não tem importância como sinal, como grafismo, estável e sempre igual em si mesmo. Ela só terá sentido como um signo (dotado de significação), sempre variável e flexível. Da mesma forma, ao ouvinte, interlocutor, para quem o essencial na tarefa de atribuição de sentido não consiste em reconhecer a forma utilizada, interessa compreendê-la, como diz Bakhtin (1986), num contexto concreto preciso.

Aqui vale a pena, você fazer uma reflexão a respeito da seguinte questão:

Aprender uma língua implica mais do que simplesmente aprender a sua gramática?

Buscaremos, nesta unidade, ajudar você a responder a primeira pergunta. A segunda será preocupação da próxima unidade.

Vamos, então, continuar nossos estudos para a compreensão do que seja língua.

Koch, uma das entrevistadas de Cortez e Xavier (2003), respondeu:

“ Olha, essa pergunta é muito difícil de responder, porque eu vejo a língua simultaneamente como um sistema e como uma prática social. Eu não consigo dissociar as duas coisas. A Língua é um sistema, ela é um conjunto de elementos inter-relacionados em vários níveis, no nível morfológico, no nível fonológico-morfológico, sintático. Mas ela só se realiza enquanto prática social, quer dizer, os seres humanos nas suas práticas sociais usam a língua e a língua só se configura nessas práticas e é constituída nessas práticas.” (p124)

É possível deduzir das posições dos autores aqui citados que todos consideram a língua como uma prática social e também como um sistema de normas fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas. Há uma ênfase nos vínculos necessários entre Língua, Pensamento e Linguagem.

Em razão dessa insistência nessa relação, buscaremos no próximo item apresentar algumas considerações a respeito dessa vinculação.

As concepções elencadas nesta última unidade enfocam a prática comunicativa da linguagem, buscando a compreensão da linguagem como interação. Elas contribuem para nosso entendimento de língua/uso/interação. Reflita

3.3- RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM, LÍNGUA, PENSAMENTO E CULTURA

Não podemos tratar desse tema, sem estudarmos Vygotsky. O autor, em sua obra *Pensamento e Linguagem*, na busca de descobrir a relação entre o pensamento e a fala nos estágios iniciais do desenvolvimento, afirma que em seus estudos não encontrou nenhuma interdependência específica entre as raízes genéticas do pensamento e da palavra. Apesar disso, ele afirma que seria errado considerar o pensamento e a fala como dois processos independentes. São processos que se cruzam em determinados momentos e influenciam mecanicamente um ao outro. Veja o esclarecimento do autor sobre essa questão:

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através da palavra. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica. À frase bíblica “ No princípio era o verbo” Goethe faz Fausto responder: “ No princípio era a Ação”. O Objetivo dessa frase é diminuir o valor das palavras, mas podemos aceitar essa versão se a enfatizarmos de outra forma: No princípio era a ação. A palavra não foi o princípio –a ação já existia antes dela; a palavra é o final do desenvolvimento, o coroamento da ação”. (p.131)

Continuando, Vygotsky afirma que o pensamento e a linguagem são a chave para compreensão da consciência humana. A linguagem desenvolve um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Para finalizar suas reflexões ele afirma que “Uma palavra é um microcosmo da consciência humana”.

Vygosty, em suas obras, enfatiza as origens sociais da linguagem e do pensamento.

É importante fazermos uma pequena pausa para refletirmos a respeito dessas questões no contexto do trabalho de uma Instituição de Educação Infantil. Acompanhe nossa

preocupação:

O pensamento se desenvolve em estreita ligação com a linguagem e, por sua vez, a linguagem se desenvolve no contexto das relações sociais,

Kato, numa entrevista, a Cortez e Xavier (2003) traz algumas questões também importantes para que pensemos sobre a relação linguagem, língua, pensamento e cultura. Ela faz as seguintes perguntas “ Para que serve a língua? Serve para pensar? O desenvolvimento linguístico da criança acontece em paralelo a seu desenvolvimento cognitivo? Ou um depende do outro? A cognição limita a língua ou a língua limita a cognição?

Matos, também em uma entrevista para Cortez e Xavier, assim se manifesta sobre a relação entre Língua, Pensamento e Cultura:

“É impossível falar de linguagem ou sobre linguagem se, ao mesmo tempo, relacioná-la à cognição ou à sociedade. O social e o cognitivo estão imbricados na linguagem. E até na caracterização, na definição de linguagem, há que necessariamente que introduzir as dimensões cognitiva e social. Ao nos comunicar, pensamos e, inversamente, ao pensar, nos comunicamos (interna e externamente), segundo padrões culturais que observamos, ajudamos a manter ou transformar” (p.92)

Torna-se imperativo abordarmos cultura como imprescindível para compreender Linguagem.

É importante, nesse momento, fazermos uma pausa para que você reflita sobre a seguinte questão: O que é cultura?

3.4- O QUE É CULTURA

Geertz (1989) defende um conceito de cultura essencialmente semiótico. Apoiando-se na compreensão de Max Weber de que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e sua análise.

Ao analisar a cultura deve-se escolher, portanto, reforça Geertz, entre as estruturas de significação, determinando sua base social e sua importância. A cultura é uma multipli-

cidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que o antropólogo tem, de alguma forma, primeiro de apreender para depois apresentar quando faz a etnografia.

A cultura de um povo, diz esse autor, “é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem pertencem”. (1989, p. 321)

A cultura é, ainda, entendida por Geertz (1989, p.228):

“como símbolos significativos nos quais o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. “Todos os povos desenvolveram estruturas simbólicas nos termos das quais as pessoas são percebidas exatamente como tais, como simples membros sem adorno da raça humana, mas como representantes de certas categorias distintas de pessoas, tipos específicos de indivíduos”.

Segundo essas reflexões, pode-se dizer que a cultura é um texto, que se constrói, a partir das representações sociais dos homens, como forma de categorizar o mundo. Como texto, a cultura é necessariamente interpretável e, para que se interprete o outro, é preciso que seja estabelecida relação intersubjetiva. É na possibilidade do diálogo, que está o sentido semiótico atribuído por Geertz à cultura.



Abaurre (2003), refletindo sobre a relação linguagem, sociedade e cultura, é taxativa com relação à influência de modos culturais em modos de pensamento. Todavia, insiste em que se conceba que esta influência também se dá em sentido contrário, isto é, que o pensamento também tem influência na cultura que uma comunidade constrói. Enfatiza que cultura e os modos de pensamento, por sua vez, sofrem forte influência da linguagem e nela também se refletem.

Dessa forma, a autora conclui:

Então, não é possível reduzir os estudos de linguagem apenas às questões culturais, como também não vejo razão reduzi-los a questões apenas cognitivas ou apenas linguísticas. Acho que estes são aspectos da mesma questão e há uma forte relação entre tudo isso....Existe uma forte relação, e, sem dúvida alguma, essas atividades com a linguagem condicionam a nossa maneira de pensar, portanto têm reflexo no âmbito cognitivo. Evidentemente, isto se reflete também na nossa percepção da cultura, do mundo e da realidade em que vivemos”. (p.15).

Para fechar esta seção, trazemos FARACO (2003) que assim expõe seu ponto de vista:

Bem, sou adepto de uma perspectiva teórica que defende uma inter-relação for-

te entre essas três realidades (língua, pensamento e cultura). Uma perspectiva que se sustenta numa compreensão de cultura como fundamentalmente uma realidade de linguagem, que tem, portanto, uma materialidade semiótica, heterogênea, e uma dinâmica dialógica (no sentido bakhtiniano do termo)

ATIVIDADE III

Assinale a alternativa correta, conforme a afirmação:

1. Possari e Neder:

a) afirmam que a linguagem verbal é uma das formas sociais de comunicação e de significação, que se iguala às demais por ser uma linguagem de sons, articulada;

2. Nos PCNS de Língua Portuguesa, encontramos a seguinte explicação:

b) *A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais...;*

c) Nenhum dos autores aqui citados consideram a língua como uma prática social e também como um sistema de normas fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas ;

d) Geraldi não aceita que a língua enquanto esse produto de trabalho social, enquanto fenômeno sociológico e histórico, está sempre sendo retomada pela comunidade de falantes.

RESPOSTA ALTERNATIVA A

3. Relacione autor/afirmação, numerando os parênteses:

I - A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através da palavra. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra.

II - sou adepto de uma perspectiva teórica que defende uma inter-relação forte entre essas três realidades (língua, pensamento e cultura).

III - cultura é concebida como :“símbolos significativos nos quais o homem encontra

sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive”.

IV - *“É impossível falar de linguagem ou sobre linguagem se, ao mesmo tempo, relacioná-la à cognição ou à sociedade. O social e o cognitivo estão imbricados na linguagem.*

- () Geertz
- () Vygotsky
- () Faraco
- () Matos

RESPOSTA

- (III)
- (I)
- (II)
- (IV)

4. Assinale a alternativa correta para a afirmação de Faraco:

“É impossível falar de linguagem ou sobre linguagem sem ao mesmo tempo, relacioná-la à cognição ou à sociedade. E continua:

- a)** Nem o social nem o comunicativo dialogam;
- b)** O social não dialoga com a língua
- c)** Não está em jogo o diálogo: cognição/linguagem
- d)** O social e o cognitivo estão imbricados na linguagem.

RESPOSTA - D

EM RESUMO

Pelas posições acima, é possível perceber a estreita relação entre a cultura, o pensamento e a linguagem, no sentido de uma interdependência. A linguagem influencia o pensamento, que é influenciada também pelo pensamento, que também influencia a cultura e sofre influências, do mesmo modo com a linguagem.

Essa influência multidirecional e a determinação de uma dimensão sobre a outra e vice-versa, faz com que todos tenhamos uma preocupação permanente com a linguagem.

Por **último, todavia, não por final**, trazemos de Citelli, concepção que engloba as já estudadas e que pode contribuir para uma síntese:

As cadeias discursivas contribuem para arrefecer o sentimento de solidão humana, visto que nelas os “contratos de linguagem” autorizam recuperar a tradição, a história, assim como prospectar e laborar sobre projetos futuros. Processo e deslocamento. Algo sem começo nem fim, travessia e convite para reconhecer que os textos/discursos lidos vistos, produzidos escritos, são apenas uma parada, ponto de sistematização de certa ideia, conceito e valor. Muitas vezes, por terem fortes impactos no andamento da cultura e da história das sociedades, aqueles momentos de parada criam a falsa impressão da existência de todas as coisas no terreno da linguagem. Feliz ou infelizmente é apenas a miragem que conforta o permanente desejo humano de encontrar a fonte ou a pedra de toda sabedoria. (grifos do autor). CITELLI, 2000, P. 55)

Assim é a busca incessante pela compreensão da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Bernadete. Entrevista. In: CORTEZ, Suzana e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Conversas com Linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. S. Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. S.Paulo: Huicitec, 1986.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, textos e discursos** – por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EdUC, 1999.
- CASTILHO, Ataliba de. Entrevista. In CORTEZ, Suzana e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Conversas com Linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. S. Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação** – a linguagem em movimento. São Paulo: Senac, 2000.
- CORTEZ, Suzana e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Conversas com Linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. S. Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. Entrevista. In: CORTEZ, Suzana e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Conversas com Linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. S. Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- Geraldi, João Wanderley. Entrevista. In: CORTEZ, Suzana e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Conversas com Linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. S. Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- KATO, Mary. Entrevista. In: CORTEZ, Suzana e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Conversas com Linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. S. Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- KOCH. Ingedore. V.G. Entrevista. In: CORTEZ, Suzana e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Conversas com Linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. S. Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- LOPES, Edward. **Fundamentos de Linguística Contemporânea**. São Paulo: Edusp, 1990.
- ORLANDI. Eni. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, S. Paulo: Pontes, 1987.
- **Discurso e Leitura**. S. Paulo: Cortez, 1988.
- POSSARI, Lucia Helena Vendrúsculo; NEDER, Maria Lucia Cavalli. **Linguagem: o ensino, o entorno e o percurso**. Fasc. 1, 2 ed. rev. Cuiabá: EdUFMT, 2002

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&, 2000.

QUÉAU, Philippe. Cibercultura e Infoética. In: MORIN, Edgard. (Org.). **A religação dos saberes** – o desafio do século XXI. Rio: Bertrand Brasil, 2002.

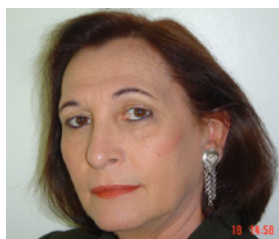
SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Paulus, 2002.

VYGOTSKY, Liev Semiónovich. **Pensamento e Linguagem**. 3 ed. S. Paulo: Martins Fontes, 1991.

SOBRE AS AUTORAS



Maria Lucia Cavalli é doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, É professora da Universidade Federal de Mato Grosso desde 1973. Lecionou durante 21 anos no Departamento de Letras. Atualmente, é professora do Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação, com atuação direta nos projetos de educação a distância. Foi Reitora da UFMT entre 2008 e 2016. Exerceu também os cargos de Pró-Reitora de Graduação, coordenadora de curso, chefe de departamento, coordenadora do Núcleo de Educação Aberta e a Distância do Instituto de educação da UFMT. Suas pesquisas têm-se ocupado de duas vertentes: Formação de Professores e Educação a Distância. Suas publicações englobam: livro didático para o Ensino Fundamental: **Produção de leitura e produção de texto; Material didático para a Educação a Distância: Linguagem: o ensino, o entorno, o percurso** -ambos em co-autoria com Lucia Helena Vandrúsculo Possari. Outras publicações teórico-metodológicas têm como eixo central a Educação a Distância. Foi consultora do MEC-FNDE para produção de Material para a Educação a Distância.



A profa. **Lucia Helena Vandrúsculo Possari** é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É professora da Universidade Federal de Mato Grosso desde 1977. Lecionou durante 20 anos no Depto. de Letras. Desde 1997 é professora do Curso de Comunicação Social, habilitação Radialism I-FCA-UFMT. É professora e orientadora do Programa de Mestrado e Doutorado Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – Cuiabá – MT. Suas pesquisas têm-se ocupado das vertentes: Comunicação e Educação; Comunicação e Cultura e de Comunicação e Cibercultura; . Suas publicações dentre outras:: livro didático para o Ensino Fundamental: **Produção de leitura e produção de texto; material didático para a Educação a Distância: Linguagem: o ensino, o entorno, o percurso** -ambos em co-autoria com Maria Lucia Cavalli Neder. Outras publicações teórico-metodológicas como os **Processos sêmio-discursivos em Educação a Distância**, demonstrando que o texto, na não presencialidade autor/leitor, é a possibilitação da interação, complementam seus trabalhos. Em e-book organizou: Semioses: do cotidiano a cibercultura. Cuiabá: EdUFMT, 2015.



UFMT
EM REDE



Esta obra está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional